

O BOM GIGANTE

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez um gigante que não gostava de ser gigante.

– Chamo muito a atenção – queixava-se ele. – Para onde quer que vá, todos, de longe, apontam o dedo para mim "Lá vai o gigante!" E assustam-se. E abusam do meu nome e pessoa, metendo medo aos meninos: "Se não comes a sopa, chamo o gigante". E espalham disparates a meu respeito, dizendo que eu como gente, sou mau e outras calúnias que tais. Não aturo isto.

Pôs-se a andar de joelhos, a ver se não davam tanto por ele. Qual quê! Um gigante de joelhos, quer se queira quer não, é sempre um gigante, ainda que de joelhos.

Deixou de aparecer. Fechou-se no seu palácio de gigante e nunca mais pôs um pé fora de casa. Mas um gigante escondido, que de um momento para o outro pode aparecer, aterroriza ainda mais a vizinhança do que se andasse sempre na rua.

– Vou mudar de terra – decidiu o desgostado gigante.

Andou por vários reinos, sempre precedido pela sua fama.

– Vem aí o gigante – gritavam.

E todos fugiam.

Até que foi ter a uma terra de gigantes. De gigantões. Todos muito maiores do que ele.

– Aqui é que me convém ficar a viver – disse o gigante.

– Ninguém vai reparar em mim.

Por acaso reparavam. Chamavam-no, nessa terra, de gigantões matulões, chamavam ao gigante desta história de "pitorro", "badameco", "homenzinho", "pigmeu"... Mas ele, que tinha muito bom feitio, não se importava.

FIM